

## HISTÓRIA DA DANÇA DO VENTRE

*Por Shara Kadosh*

Ao longo de muitos anos se difundia a narrativa de que a dança do ventre é uma arte milenar, que surgiu em rituais de fertilidade para deusas, no Antigo Egito. No entanto, não há evidências históricas que confirmem esta explicação. O pouco que se tem de material são figuras, pinturas e esculturas que, por serem imóveis, não nos permite concluir quais movimentos eram ali realizados. O que existem então de evidências confiáveis quanto à origem desta dança?

### **SOBRE O TERMO “DANÇA DO VENTRE”**

Vamos começar conversando sobre o termo “Dança do Ventre”? A expressão surgiu pela primeira vez em francês, em 1863, para nomear o famoso quadro “La danse de l’almée” ou “A dança da Almeh”, do pintor Jean-Léon Gérôme, que retrata uma bailarina dançando seminua entre vários homens. Na imprensa surgiu então, pela primeira vez, um nome alternativo para este quadro, “Danse du ventre”.



Em 1889 aconteceu a Exposição Universal de Paris com um pavilhão chamado “Rua do Cairo” em que podiam ser encontradas apresentações de dança do ventre. Surge então nos EUA o termo belly dance, como tradução de “danse du ventre”. Ou seja,

o termo dança do ventre surge quando esta dança começa a ser comercializada pelo mundo ocidental. Antes disso os termos utilizados eram “dança das ghawazee” e “dança das almeah” e vocês já vão entender o motivo!

O termo em árabe Raqs sharqi, que significa “dança do leste” ou “dança oriental”, surge no início do século XX para nomear esta dança que se desenvolvia profissionalmente em casas de entretenimento, principalmente no Cairo e Alexandria.

O que podemos extrair dessas informações? Que o termo “dança do ventre”, criada pelos europeus, faz parte de toda uma tentativa ocidental de pintar o Oriente como “sensual, exótico e primitivo” justificando assim uma tentativa de civilização e colonização deste povo. O termo “orientalismo”, cunhado por Edwar Said, se refere a essa imagem que os ocidentais construíram do Oriente, cheia de estereótipos equivocados que são difundidos até hoje.

Ainda que este o termo “dança do ventre” seja problemático, continua sendo a forma mais popular de se referir à dança que praticamos mas é muito importante conhecer a história para não repetir discursos que colocam o povo oriental na caixinha dos “primitivos e bárbaros”.

Este conhecimento nos leva a compreender, por exemplo, porque no imaginário do público leigo esta dança tem um caráter excessivamente sensual e até mesmo erótico. Faz parte desta narrativa colonizadora ocidental que enquadra o mundo oriental como místico e sensual, como retrata a obra do pintor francês Jean Gérôme: uma mulher com seios de fora dançando para deleite do público masculino.

Afinal, o que é a dança do ventre que conhecemos hoje? É uma mistura de diversas danças do norte da África e Oriente Médio com elementos ocidentais. Esse encontro de culturas aconteceu com a invasão europeia de territórios africanos e asiáticos. Quando europeus chegaram a estes territórios encontraram dançarinas e dançarinos dançando com muitos movimentos de quadril e tronco e os denominaram de “dançarinas (os) do ventre”.

Estas dançarinas eram de diversos grupos, entre eles estavam as Ghawazee. Historicamente podemos falar que a dança do ventre começa a ser contada a partir deste período. E quem são então essas mulheres?

## GHAWAZEE

A cultura egípcia sempre foi marcada pela dança, desde os tempos mais antigos até a atualidade. A dança está presente no cotidiano das pessoas, tanto em suas manifestações mais intimistas, em que mulheres da mesma família dançam em suas próprias casas, quanto em apresentações abertas ao público, em que artistas de rua fazem de suas performances o seu meio de sustento.

Ghawazee (plural de ghazia) em árabe significa “invasores” e se refere às bailarinas ciganas que encantavam os turistas em suas apresentações de rua, no Egito. Elas podem ser entendidas como as precursoras da dança do ventre. Estas ciganas chegaram ao Egito no século XIX, vindas possivelmente da Índia, e tinham como principal fonte de renda o comércio, a venda de seda, artesanato, ouro, leitura de mãos e apresentações de rua que contavam com as mulheres dançando e cantando e os homens tocando instrumento. Essas ciganas dançavam de forma alegre, espontânea e muito carismática, a fim de entreter e encantar o seu público, já que a sua subsistência dependia disso. A dança ghawazee é considerada umas das grandes fontes da dança do ventre atual.

Não se sabe se o termo “invasores” refere-se aos ciganos, que tradicionalmente chegavam aos lugares não sendo convidados ou se, metaforicamente, significa “invasores do coração”, uma referência ao carisma e simpatia desse povo.

Durante algum tempo o governo proibiu que as danças fossem executadas nas ruas, fazendo com que muitos artistas procurassem outros locais para viver. Dessa forma a dança ghawazee desenvolveu-se de formas diferentes de acordo com as suas influências culturais.



O estilo de dança ghawazee é marcado por movimentos amplos e enérgicos, com muitas marcações de quadril, encaixes e desencaixes, batidas de pés, trabalhos de chão e tudo que pudesse chamar a atenção do público. É muito comum encontrar os snujs nas apresentações desse folclore.

As maiores representantes dessa dança no Egito ficaram conhecidas como Banat Maazin, cinco meninas talentosas, artistas versáteis, que cantavam, dançavam e até chegaram a trabalhar no cinema, com seu estilo familiar e único de dançar. Devido a sua localização ( Qena e Luxor, no Alto Egito) essas meninas tornaram-se muito próximas do povo Said e por isso era comum vê-las dançando sua própria versão feminina da dança com bastão.



Figurino:

